

## A REPRESENTAÇÃO FEMININA EM A HORA DA ESTRELA : UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS OBRAS FÍLMICA E LITERÁRIA

Gleyda Cordeiro (UFC)<sup>1</sup>

**Resumo :** Este trabalho pretende fazer uma análise da construção das personagens femininas na obra literária *A hora da estrela* (1977), de Clarice Lispector, e na obra fílmica de título homônimo, adaptada para o cinema pela cineasta Suzana Amaral e pelo roteirista Alfredo Oroz (1985). Nessa perspectiva, faremos uma análise comparativa das duas obras, literária e fílmica, tendo como foco as personagens femininas de maior destaque Macabéa e Glória. Utilizaremos como referencial teórico os escritos sobre personagem de ficção de Antonio Candido (1976) e o conceito de reescritura de Lefevere (2007).

**Palavras-chave :** Literatura ; Cinema ; Personagem.

A obra de Clarice Lispector é intensamente estudada e tem sido objeto de várias discussões e pesquisas acadêmicas desde sua estreia literária, com a publicação de *Perto de coração selvagem* (1943). Dentre os muitos temas trabalhados em seus textos, um dos mais recorrentes é o sentimento de inadequação diante de um mundo hostil. Para ilustrar esse desconforto existencial, a autora sempre teve franca predileção por personagens femininos. Os perfis femininos traçados por Clarice Lispector retratam, sobretudo mulheres solitárias, instruídas, profissionais bem sucedidas cujo enfoque é marcado pela subjetividade e solidão.

Para Candido (1976), quando pensamos em enredo, pensamos em personagem e conseqüentemente, na vida que levam e as ações que os caracterizam. E à partir dessas vivências que o enredo vai sendo construído. Na obra clariceana, no entanto, muitas vezes essas vivências são substituídas por sensações. Em muito frequentemente, é a repercussão dessas sensações no protagonista é o que determina o desenrolar da narrativa.

Em sua primeira publicação, podemos perceber três aspectos essenciais para a compreensão de sua obra: aprofundamento introspectivo, alternância temporal dos episódios e o caráter inacabado da narrativa. Segundo Benedito Nunes:

Consciência em crise, a introspecção é o fadário de Joana. Por uma espécie de necessidade inelutável, quanto mais ela observa, mais se distancia do seu próprio ser. A reflexão contínua a que se entrega corta-lhe a espontaneidade dos sentimentos e incompatibiliza-a com a fruição pura e simples da vida. As palavras mesmas que se esforça por

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras-Francês (UECE). Mestre em Linguística Aplicada (UECE). Doutoranda em Literatura Comparada pelo PPGLetras-UFC. Contato: gleydacordeiro@gmail.com

dominar agravam esse distanciamento que a torna espectadora de si mesma e das coisas. (NUNES, 1995, p.20)

Essa luta com as palavras, a incessante busca pelo âmago das coisas é uma constante na obra clariceana, como observaremos ao longo deste trabalho. O sentimento de estranhamento, de não fazer parte do meio, também já está presente nesta obra. A inquietação, a busca por um sentido de vida e o despertar de desejos obscuros marcam profundamente a existência dessa personagem.

Muitas destas características apresentadas e sensações vividas pela personagem Joana, de *Perto do coração selvagem* também estão presentes nas obras subsequentes da autora, como Virgínia de *O Lustre* (1946), Lucrecia de *A cidade sitiada* (1949), GH em *A paixão segundo GH* (1964), Lori em *Uma aprendizagem ou O livros dos prazeres* (1969).

#### **A hora da estrela e as personagens Macabéa e Glória**

*A hora da estrela* (1977) é considerada a última obra de Clarice Lispector. Vale esclarecer que na realidade trata-se do último texto revisado e publicado em vida. Enquanto escrevia esta novela, Clarice também preparava *Um sopro de vida (pulsações)*, publicado postumamente.

Em seu último texto, *A hora da estrela* nos apresenta a história de Macabéa, uma nordestina pobre, raquítica e semi-analfabeta. Diferente de suas personagens anteriores que inseridas no vazio de um cotidiano pequeno burguês, viviam um tédio confortável, Macabéa é só, sem laços de família e que mal tem forças para lutar pela sua sobrevivência na cidade do Rio de Janeiro. Macabéa, essa personagem de existência insignificante e miserável, é de grande importância no conjunto da obra de Clarice Lispector, pois trata-se de sua última personagem, de seu último livro. Depois de *A Hora da Estrela*, Clarice retira-se de cena, como que num gesto de desistência de tentar entender-se, de tentar entender a vida e sua dor, cessa sua busca desesperada de seu eu.

Órfã de pai e mãe, Macabéa foi criada por uma tia “muito madrasta má” que também vem a falecer alguns anos depois. Não se sabe de que maneira, mas um dia a jovem chega ao Rio de Janeiro. Lá vai viver em uma pensão na rua do Acre, dividindo o quarto com mais quatro moças, todas Marias (da Penha, Aparecida, José e uma quarta que era apenas Maria), que trabalham como balconistas nas Lojas Americanas.

Macabéa consegue um emprego de datilógrafa em um pequeno escritório (foi a única que aceitou trabalhar por aquele salário tão baixo). Lá divide o espaço com o chefe, o dono da firma e Glória, uma carioca da gema, ferosa e loira (artificial).

Glória, por sua vez, representa o oposto de Macabéa. A jovem aqui é dotada dos atributos que faltam à protagonista, ela tem corpo e discurso. A colega de trabalho de Macabéa tinha formosura e exuberância com seu cabelo loiro oxigenado, era bem nutrida (filha de açougueiro), além do nome imperioso, tinha comida farta em casa. Era assediada e colecionava namorados. Tinha lábia para justificar suas faltas no trabalho sem causar desconfiança. E como corpo e discurso são valores positivos para a sociedade, Glória encontrava seu lugar ao sol e no coração dos homens (inclusive no de Olímpico, namorado de Macabéa), enquanto a pobre nordestina nem sequer era notada. Glória tinha tudo o que lhe faltava: corpo e comportamentos sedutores, família estruturada e desenvoltura profissional.

Podemos perceber através de alguns trechos a “superioridade” de Glória em relação à Macabéa. Ela nos é apresentada com uma exuberância que nunca a jovem retirante teria:

Macabéa entendeu uma coisa: Glória era um estardalhaço de existir. E tudo devia ser porque Glória era gorda. A gordura sempre fora o ideal secreto de Macabéa, pois em Maceió havia escutado um rapaz dizer para uma gorda que passava na rua “tua gordura é formosura”. (LISPECTOR, 1998, p. 61)

Nas horas vagas, Macabéa dedica-se a escutar a Radio Relógio que, além de informar as horas, oferece um pouco de saber descontextualizado. É através dessas curiosidades apresentadas no programa que a personagem tenta estabelecer um diálogo com os demais, porém essas tentativas só evidenciam sua incomunicabilidade.

Um dos aspectos importantes na literatura e, sobretudo na obra clariceana, é a questão do personagem. Neste caso, sabemos que na escrita de Clarice Lispector, muitas vezes este elemento vem caracterizado pelo fluxo de consciência. No caso de Macabéa, ela é apresentada através de duas vozes: a do narrador Rodrigo S. M e a sua própria. Neste romance além da personagem principal, temos vários outros personagens secundários, porém com maior destaque para: Rodrigo S. M (o narrador) e Olímpico de Jesus (seu namorado) e a cartomante, que com suas falsas prvisões, tenta selar um destino de amor e felicidade para a pobre moça.

A estrutura narrativa empregada por Lispector em *A hora da estrela* era até então inédita em sua obra. No entanto, ela repete em *Um sopro de vida (pulsações)* este mesmo modelo. Nas duas obras, a autora nos apresenta escritores-narradores do sexo masculino que nos contam a história de personagens femininas criadas por eles. Macabéa é feia e pobre, Angela Pralini é bonita, rica e articulada. Para Rodrigo S. M., o escritor-narrador de *A hora da estrela*, a obra é considerada como um “relato”, “desabafo”, “literatura de cordel”. Para os críticos, a obra oscila entre o romance e a novela, sem que haja um consenso. Para Antonio Candido, Clarice poderia ser considerada como uma quase precursora do « nouveau roman », sendo capaz de assumir a consciência de que o texto cria para nós um mundo que existe e atua na medida em que é discurso literário.

### **A hora da estrela de Suzana Amaral**

O filme *A hora da estrela* (1985) foi dirigido por Suzana Amaral que também assina o roteiro ao lado de Alfredo Oroz. O filme, colorido, tem duração de 96 minutos. Os personagens principais são: Macabéa, Olímpico de Jesus, Glória e Madame Carlota, a cartomante. A direção de fotografia é de Edgar Moura, edição de Idê Lacreta e a música é de Marcus Vinícius. O filme foi distribuído por Raiz Produções cinematográficas. Esta obra foi reconhecida nacional e internacionalmente, tendo recebido vários prêmios como Urso de prata de melhor atriz no festival de Berlim para Marcélia Cartaxo (Macabéa), melhor diretor no festival de Havana, e foi vencedor em várias categorias no Festival de Brasília.

A obra de Suzana Amaral é bem próxima do texto de partida. A principal diferença que podemos observar no filme foi a supressão do escritor narrador Rodrigo S. M., que com suas observações e hesitações, é também personagem central para a compreensão do livro. No entanto, é compreensível sua ausência no filme. Pois para proporcionar mais dinamismo à história, sua presença foi substituída por outros elementos tipicamente característicos do meio visual, como a cenografia, o figurino e a música.

Já na abertura do filme, ouvimos a Rádio Relógio enquanto os créditos aparecem. Macabéa nos é apresentada em seu contexto profissional. É nesse meio que ela vai interagir com alguns personagens da trama. Lá ela convive com o chefe, o diretor da firma e Glória, um personagem secundário, mas de destaque no filme.

Os cenários principais da trama são: o escritório, o quarto de pensão e a rua. Macabéa divide seu tempo nesses ambientes. Durante o dia, trabalha no escritório, à

noite volta para pensão e escuta a programação da rádio e nos fins de semana vai ao cinema poeira, pois a entrada é mais barata. Em uma dessas folgas, ela conhece Olímpico de Jesus, um nordestino que trabalha na construção civil, tão solitário e ignorante quanto ela, porém decidido e com certa altivez, que almeja um dia ser deputado para acabar com a fome no país. Os dois começam a namorar, mas a relação é morna e os diálogos entre os dois são marcados pela fragmentação. Macabéa faz perguntas e como Olímpico não sabe responder e se sente humilhado por isso, é grosseiro e humilha a moça. A relação entre os dois acaba quando Glória, a colega de trabalho de Macabéa envolve-se com Olímpio. Este, por sua vez, vê em Glória uma forma de ascensão, pois ela é loira, bem nutrida e o pai é dono de um açougue. Levemente culpada por ter causado a ruptura do namoro da colega, Glória procura compensar a traição, incentivando Macabéa a procurar uma cartomante acreditando que esta mudará positivamente sua vida. Macabéa alega que este tipo de serviço é caro e que não tem dinheiro. Glória empresta a quantia. Macabéa vai à casa de Madame Carlota. Lá, a mulher a recebe em tom carinhoso e faz elogios à sua pessoa, fato praticamente inédito na vida da jovem. As previsões são as mais positivas possíveis, segundo a cartomante, a jovem irá encontrar um rapaz loiro, bonito e rico com quem irá casar-se e ser feliz para o resto da vida. Macabéa deixa o lugar maravilhada, inundada por uma esperança nunca antes sentida. Ainda inebriada com as palavras de Madame Carlota, Macabéa não presta atenção ao atravessar a rua e é atropelada por um carro importado, guiado por um rapaz loiro e bonito. Caída no chão Macabéa morre no asfalto, cercada pelo olhar de curiosos que se aglomeram.

No filme não há subtramas, todo o enredo é voltado para contar a saga de Macabéa. Os personagens dividem-se em vários núcleos (escritório, pensão, rua e casa da cartomante) e com exceção de Olímpico e Glória, eles não interagem entre si. Eles servem como pano de fundo na parca história de vida de Macabéa.

Enquanto meios semióticos distintos, a literatura e o cinema trazem consigo a possibilidade de contar histórias. No texto escrito, temos que imaginar o personagem, dar-lhe um rosto, um tom de voz e sermos capazes de captar o que há nas entrelinhas, o cinema, com suas imagens em movimento e o som, nos oferece uma nova percepção de um mesmo tema.

Entendemos a adaptação cinematográfica como uma leitura, ou melhor, uma reescritura de uma obra literária. Para Lefevere (2007), o adaptador é um tradutor que reescreve a obra de partida, servindo-se dos recursos disponíveis no meio semiótico

escolhido. E vale ressaltar que essa reescritura está subordinada ao tempo e ao espaço e principalmente às condições de produção da obra.

A Macabéa do livro é uma construção da autora Clarice Lispector, enquanto a Macabéa do filme é o resultado da direção de Suzana Amaral, do roteiro de Alfredo Oroz, da interpretação de Marcélia Cartaxo e das contribuições de toda uma equipe que trabalha na produção de uma película.

Podemos compreender de forma clara, que o anseio por fidelidade que o público tanto clama, não passa de uma utopia. No caso específico deste trabalho, podemos observar que existe uma diferença de oito anos entre o lançamento do livro e a exibição do filme. Há também uma diferença de cenário. No livro, a história se passa no Rio de Janeiro, no filme, em São Paulo. Obviamente, essas diferenças impactam no resultado final da adaptação.

A caracterização de Macabéa no cinema é, portanto, diretamente afetada por essas variáveis. Ao analisarmos uma personagem cinematográfica, devemos levar em consideração aspectos específicos do cinema como fotografia, ritmo da montagem, trilha sonora, cenografia, etc.

Quanto ao figurino, observamos que as roupas de Macabéa vão dos tons de cinza aos terrosos, suas vestimentas passam distante das cores vibrantes e alegres. As roupas são discretas e comportadas, compostas, sobretudo por saias ou vestidos e acompanhadas por um único par de sapatos com meias azul-marinho. Essas peças nos passam um efeito de camuflagem no cinza da paisagem. Através do emprego dessas cores neutras, a diretora consegue nos transmitir o apagamento de Macabéa. Não há acessórios como brincos, colares ou pulseiras. Seus gestos são contidos, seu rosto é quase sem expressão.

Já Glória é apresentada através de um figurino colorido, cabelos descoloridos, cacheados e volumosos. A questão do sotaque carioca é apagada, uma vez que a história se passa em São Paulo.

### **Considerações finais**

Tendo sido escrito no último ano de vida da escritora Clarice Lispector, *A hora da estrela* representa uma ruptura na vasta e intrigante obra clariceana. O perfil da personagem Macabéa, foge ao modelo já conhecido da autora.

Adaptado para o cinema, *A hora da estrela* perde o narrador-personagem e cabe aos sons e imagens nos apresentar Macabéa. A Macabéa do filme age de modo de direto, pois não há a mediação desse narrador. Nas telas, Macabéa adquire uma certa

voz, porém não tem vez. Sem interferências, observamos a existência da personagem, com sua precariedade e sua passividade diante da vida. No entanto, transformadas em imagens, sua opacidade e sua incompetência adquirem contorno que vão do tom poético ao jocoso através do olhar de Suzana Amaral.

### **Referências bibliográficas**

A Hora da estrela. Direção Suzana Amaral e Alfredo Oroz. São Paulo. Produtora Rais Filmes. Embrafilme. 1985. Color. 1 fita em VHS. 96 min. Son. 35 mm.

CANDIDO, Antonio. et al. A personagem de ficção. São Paulo: Perspectiva, 2007.

LEFEVERE, André. Tradução, reescrita e manipulação da fama. Bauru: Edusc (trad. de Claudia Mattos Seligmann), 2007.

LISPECTOR, Clarice. A Hora da estrela. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

NUNES, Benedito. O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo; Editora Ática, 1995.